

# APRENDER INGLÊS COMO INCLUSÃO E CONSTRUÇÃO DE UM NOVO ESTILO DE VIDA NA VELHICE

*Maria Augusta Rocha Porto  
Verônica de Barros Santos*

## 1. INTRODUÇÃO

As representações da velhice baseadas em estereótipos tendem a definir determinado grupo populacional como homogêneo, estabelecendo a idade avançada e o envelhecimento físico como suas características principais. No entanto, marcadores sociais, como o gênero, a classe social, o país onde vive a etnia a que pertence, entre outros, tornam esse grupo diversificado. Associados às experiências individuais e coletivas, estes marcadores possibilitam diferentes formas de compreender e vivenciar a velhice e, conseqüentemente, constituir variados estilos de vida.

Este estudo aborda a participação de envelhescentes<sup>1</sup> e idosos em atividades sociais como forma de construção de um novo estilo de vida em que o ambiente

---

<sup>1</sup> Adotamos, para o escopo deste trabalho, a terminologia “envelhescente” (com SC, assim como nascer, crescer), que corresponde à pessoa entre as faixas etárias de 45 a 59 anos. Ao utilizarmos a palavra envelhescente, assumimos a postura de Mendes (2012), que inicialmente identificou o emprego da palavra para aquelas pessoas que estavam abertas a novos aprendizados. E assim nos reportaremos a esta palavra no nosso estudo. Quando tratarmos do tempo social, detalharemos melhor o conceito (Porto, 2017).

doméstico não é mais o destino daqueles que ultrapassaram a vida produtiva e reprodutiva. Analisamos o perfil social de estudantes envelhescentes e idosos de um curso de inglês para a terceira idade, ofertado como atividade de extensão na Universidade Federal de Sergipe (UFS). O objetivo do estudo é apreender as concepções desse grupo sobre o envelhecimento e desvelar os meios de ressignificação dessa etapa da vida com a construção de novas formas de socialização.

A socialização pressupõe uma transação entre pessoas socializadas e pessoas socializadoras, sendo esse um processo gradativo e de renegociação permanente no seio de todos os subsistemas (Dubar, 2005). Os estudantes do curso de inglês são pessoas envelhescentes e idosas, homens e mulheres que desejam aprender uma nova língua em uma idade em que se costuma pensar que a capacidade de aprendizagem é reduzida. A inserção na atividade, bem como a participação em outros espaços sociais evidencia que, ao vivenciarem diferentes oportunidades de socialização, as pessoas envelhescentes e idosas inauguram um estilo de vida que contraria as representações sociais tradicionais sobre a velhice baseadas em estereótipos negativos associados a perdas (Vieira & Lima, 2015).

O projeto de extensão consiste em uma atividade de inclusão social da população envelhescente e idosa possibilitando a participação em uma atividade educativa e oportunizando-os um espaço de socialização onde podem conviver com os seus pares e também com pessoas de outras gerações. O Estatuto do Idoso apresenta como uma das garantias de prioridade, “a viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações” (Estatuto do Idoso, 2003, p. 8).

O reconhecimento do processo de envelhecimento e as formas de lidar com o avanço da idade influenciam na construção de um novo estilo de vida, em que a pessoa idosa pode contar com mais tempo livre, com menos obrigações e preocupações com a família, com a experiência de vida e com os conhecimentos construídos ao longo de uma carreira profissional ou de vários vínculos de trabalho. Uma vida estável na terceira idade após uma trajetória de buscas e realizações é chamada de “melhor idade”, pressupondo que as pessoas nessa fase estão propícias a viver os seus melhores dias. Assim, a velhice ganha diferentes nomes atenuantes como terceira idade, melhor idade, adulto maduro, idoso, meia idade, maturidade, idade maior e idade madura (Schneider & Irigaray, 2008).

Mas a velhice apresenta também uma realidade adversa da ideia de melhor idade. Esse processo pode significar uma experiência negativa quando os aspectos da velhice que mais se destacam são a solidão, a perda das capacidades mentais e físicas, a hipossuficiência financeira, o desgaste psicológico em consequência

do rompimento de vínculos, o sentimento de inutilidade e de ultrapassado e a nostalgia por não aceitar as transformações do mundo.

A solidão na velhice é um tema abordado em muitas pesquisas por ser uma realidade comum à população idosa. Para Dias e Serra (2008), a vivência solitária é ladeada por vazios intensos, sentimentos de abandono, rejeição, insegurança, ansiedade, desespero, dentre outros, que afastam a pessoa das relações sociais. A inserção em atividades sociais é uma maneira de enfrentar essa condição, por isso, deve ser incentivada pelos governos e pelas famílias (Vitale, 2003, 2005).

O enaltecimento da velhice como a melhor fase também encobre problemas que estão cada vez mais presentes na população idosa, como doenças psíquicas e o empobrecimento por não estarem mais em sua fase produtiva e por terem mais gastos com a saúde e com a família. Por outro lado, as pessoas idosas são as únicas detentoras de renda fixa em muitos lares brasileiros (Areosa, 2015); pesquisa feita pelo IBGE (2007) identificou uma parcela significativa de idosos chefes do lar no Brasil: dentre os novos arranjos familiares identificados na pesquisa, o de idosos que moram com filhos representava 44,5%, no conjunto do país. Camarano (1999) afirma que o exercício da chefia das famílias exercida por idosos pode ser compreendido sob duas perspectivas: uma que leva em consideração os novos arranjos de família e outra que considera as consequências econômicas. Nessa última, o fator renda fixa, como pensão e aposentadoria, é um dos elementos que contribuem para que os idosos assumam o papel de liderança e mantenedor familiar.

Sendo assim, apesar do enaltecimento atual da terceira idade como a melhor idade, é importante não “romantizar” a velhice, mas buscar compreender as diferentes dimensões que envolvem o envelhecer como um processo natural da vida. Nessa perspectiva, é necessário considerar a heterogeneidade da população de envelhescentes e idosos para entender as diferentes formas de vivenciar o envelhecimento e as motivações atuais das suas vidas.

A busca por garantias de uma vida plena e saudável na velhice se torna uma causa pública construída paradoxalmente. Por um lado, há uma valorização da velhice como um privilégio alcançado, por outro lado, o aumento da população idosa é visto como um problema social que impacta diretamente o equilíbrio demográfico. O envelhecimento, portanto, tornou-se uma questão de interesse do Estado, uma questão de política pública. Nesse sentido, o idoso é incentivado a contribuir com a redução dos impactos sociais causados pelo envelhecimento populacional adotando um estilo de vida semelhante ao de um jovem, sendo mais ativo, produtivo, sociável e interativo.

As motivações da vida das pessoas idosas não se restringem mais ao provimento dos seus meios de sobrevivência e das suas famílias, agora elas precisam buscar maneiras de serem recompensadas pelo tempo dedicado às funções sociais. Portanto, o desejo de serem reconhecidas, valorizadas, reincluídas e de terem autonomia é o principal estímulo para a sua socialização. Sendo assim, as atividades sociais para pessoas idosas têm sido cada vez mais direcionadas à promoção de um estilo de vida que não cause uma ruptura nos hábitos e não represente a passagem de uma vida produtiva para improdutiva.

O curso de extensão “Inglês para a terceira idade”, promovido pela Universidade Federal de Sergipe, possibilita que pessoas envelhescentes e idosas voltem a frequentar o espaço educacional ou o frequentem pela primeira vez. Neste espaço, elas podem interagir com pessoas de outras faixas etárias, acessar novos conhecimentos e viver novas experiências. Desse modo, a ideia de continuidade de uma vida ativa e dinâmica com qualidade se contrapõe à ociosidade e à senilidade esperadas de um “velho”. A relevância de um curso de língua estrangeira, seja inglês ou outras línguas, está na promoção da qualidade de vida, visto que se constitui como uma nova prática social, incentivada pela Organização Mundial da Saúde (2015).

O sentido da educação e do aprender para crianças e adolescentes não é o mesmo para os envelhescentes e pessoas da terceira idade (Porto, 2017). O objetivo principal não é a obtenção de um diploma, mas a possibilidade de estabelecer canais de comunicação com a sociedade e, como afirmado pelos próprios participantes do curso de extensão, estar incluídos em uma ação pedagógica é importante para o “exercício da memória”. A ideia de exercício da memória, neste caso, atende a uma demanda cognitiva e está associada à plasticidade sináptica, a capacidade de fortalecimento do processo sináptico pela atividade neuronal. O processo de envelhecimento causa uma diminuição natural da plasticidade neuronal acarretando dificuldade para lembrar. Sendo assim, realizar atividades que estimulem novos aprendizados diminui os danos neuronais do envelhecimento, evitando demências neurodegenerativas que podem acelerar o processo de envelhecimento: “Se os envelhescentes e pessoas da terceira idade se conscientizarem e trabalharem as funções cognitivas, é possível um retardamento do processo degenerativo e sua qualidade de vida será melhor” (Porto, 2017, p. 38).

O conceito de “Qualidade de Vida”, da Organização Mundial da Saúde, refere-se à percepção do indivíduo em relação à sua posição na vida, no contexto da cultura e no sistema de valores em que vive, bem como seus objetivos,

expectativas, padrões e preocupações (The Whoqol Group, 1998). A percepção desses indivíduos como pessoas ativas e dispostas a experimentar novas experiências e adquirir novos conhecimentos leva “os envelhescentes e pessoas da terceira idade de hoje a ressignificar suas vidas, com várias atividades diferentes, dentre elas, o aprendizado de uma língua estrangeira, como o Inglês” (Porto, 2017, p. 12).

As representações sociais sobre a velhice foram modificadas com as transformações da sociedade, e os sentidos de utilidade, de experiência e de autonomia agregam características positivas às pessoas idosas, por exemplo, definindo esta fase da vida como melhor idade. A exaltação de uma velhice ativa cria a necessidade de participação da vida social, de modo que, os idosos sejam percebidos e se percebam como um grupo social com o seu próprio estilo de vida: ativo, saudável, engajado e feliz.

A escolha de homens e mulheres envelhescentes e da terceira idade por um curso de inglês não indica apenas a necessidade de ocupar o tempo livre, mas o desejo de adquirir um novo conhecimento, mais autonomia pessoal e oportunidade de interagir com outras pessoas. Assim, esses idosos ressignificam a vida após a aposentadoria e a independência dos filhos buscando se manterem “vivos” na sociedade.

Essas novas perspectivas da velhice e a adesão a um estilo de vida ativo vai de encontro às formas de socialização mais tradicionais vivenciadas pelas pessoas mais velhas há algumas décadas, por exemplo, atividades ofertadas em clubes, igrejas, associações, grupos da terceira idade etc. Esses espaços são frequentados por pessoas na mesma faixa etária, dessa forma, os idosos não têm muitas oportunidades de vivenciar e construir maneiras diferentes de viver a velhice. Nesse sentido, questionamos se a participação no curso de inglês para terceira idade tem como motivação aderir a um estilo de vida de continuidade das atividades sociais.

Diante do apelo social para que as pessoas envelheçam de forma ativa, produtiva, saudável e feliz, as pessoas envelhescentes e da terceira idade buscam novos conhecimentos e novos espaços de socialização, como um curso de inglês. Atualmente, o público idoso tem se interessado por atividades diversificadas, pela retomada dos estudos, pela aprendizagem de novos conteúdos e habilidades resultando em diferentes formas de perceber e vivenciar a velhice (Porto, 2017).

Assim, o objetivo desse estudo é compreender a relação entre as motivações para participar de um curso de inglês e a adesão à ideia de um estilo de vida ativo na terceira idade. Buscamos identificar nos perfis sociais dos estudantes do curso as concepções sobre o processo de envelhecimento, seus interesses e motivações

nessa fase da vida e suas experiências de aprendizagem e socialização no curso de inglês e no ambiente educacional.

Compreender como as pessoas idosas e aquelas que estão próximas de alcançar essa idade percebem e vivenciam o processo de envelhecimento contribui para produção de um conhecimento mais amplo sobre esse grupo populacional. A realização de estudos voltados para os impactos do envelhecimento torna-se cada vez mais relevantes no contexto do aumento da população idosa mundial.

Desde o ano 2002, a Organização das Nações Unidas (ONU) alertou o mundo, na Declaração Política e no Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento de Madrid, acerca do crescimento da população idosa mundial e os seus impactos. Em 2017 a ONU divulgou uma pesquisa apresentando a projeção da população idosa para 2030 e 2050. Segundo projeções, em 2030 a população global com 60 ou mais anos de idade será de 1,4 bilhão e em 2050 será de 2,1 bilhões. Os números apontam que quase todos os países terão  $\frac{1}{4}$  da sua população com mais de 60 anos.

O crescimento da população idosa no Brasil também é alto. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) realizada pelo IBGE em 2018 mostra que a população com mais de 60 anos chegou a 30,2 milhões em 2017, representando um crescimento de 18% em 5 anos. No estado de Sergipe, a projeção para as próximas décadas é de um crescimento que praticamente triplica o número da população idosa em 40 anos. A PNAD realizada pelo IBGE em 2018 apontou a projeção da população idosa sergipana de 7,7% para 2019, de 14,5% para 2040 e de 23% para 2060.

Esse crescimento interfere diretamente nas condições de vida em nível mundial, atingindo vários âmbitos sociais, como os sistemas previdenciários, de saúde e o mercado de trabalho (Camarano, 2002). O conhecimento dessa realidade permite o planejamento governamental com a elaboração de ações e políticas públicas para o enfrentamento dos problemas causados por essa mudança demográfica. Contudo, essas pesquisas não servem apenas para a previsão de problemas, mas para apresentar dados demonstrativos da realidade que podem ser utilizados para criar ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida da população idosa e para o equilíbrio social. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) incentiva estudos que tenham como finalidade promover a valorização da pessoa idosa<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Na década de 1980, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (*United Nations Educational Science and Cultural Organization*) – UNESCO, reali-

Este estudo seleciona um grupo de envelhescentes e idosos como um caso, a partir do qual podemos refletir sobre questões específicas do grupo, mas que servem como um parâmetro de reflexão sobre a questão mais geral que é o processo de envelhecimento populacional. Nesse caso, o estudo com o grupo de pessoas envelhescentes e idosas permite pensar sobre o processo de socialização dessa população e sobre as concepções atuais da velhice. A partir do perfil dos estudantes envelhescentes e idosos do curso de inglês, é possível entender como as concepções sobre envelhecer motivam essas pessoas a aderir a um estilo de vida que lhes permita construir uma ideia de continuidade da vida e não de ruptura pelo fim dos vínculos e compromissos sociais anteriores.

## 2. MÉTODO

A pesquisa foi realizada com os participantes do projeto de extensão A aula de inglês para terceira idade, sob a coordenação de Maria Augusta Rocha Porto, professora do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe. O projeto iniciou em 2011, nas dependências do Centro de Cultura e Arte (CULTART), com aulas duas vezes por semana para um grupo de 25 pessoas. Atualmente, as aulas acontecem no CEPITEC, laboratório vinculado ao Condomínio de Laboratórios Multiusuário de Informática e Documentação Linguística – LAMID, na Cidade Universitária José Aloísio de Campos, em São Cristóvão, e conta com três turmas, cada uma composta, em média, por 12 pessoas.<sup>3</sup>

---

zou estudos sobre a recondução da valorização para pessoas idosas e chegou às seguintes diretrizes: Considerar menos o conteúdo e mais o despertar nela a capacidade de confiança em si mesma, de sua autonomia e o de desconstruir os estereótipos negativos que poderão estar influenciando na sua vida. Aumentando o senso de suas responsabilidades, a pessoa idosa poderá melhorar sua saúde física e mental, o que contribuirá para que ela se afirme cada vez mais no dia a dia e no seu comportamento social; Minimizar o isolamento, a solidão em que vivem muitos idosos, estimulando as relações com pessoas de sua geração e, também, com as de outras gerações; Proporcionar conhecimentos práticos, específicos sobre, por exemplo, a passagem da vida ativa para a de aposentado, além de conhecimentos teóricos relativos ao processo de envelhecimento; ainda, atividades físicas, socioculturais e artísticas que possam interessar aos idosos; Proporcionar a tomada de consciência das pessoas idosas da riqueza de sua vida pessoal e profissional e da importância da comunicação de sua experiência a outras gerações, desenvolvendo o equilíbrio e a compreensão mútua num mundo tão conflitado e que muda rapidamente. (Schons & Palma, 2008, p.162)

<sup>3</sup> O projeto de extensão “A Aula de Inglês para a Terceira Idade” encontra-se na sua 9ª edição em 2020, além de uma outra turma, recém-iniciada na 2ª edição em 2020. O financiamento das atividades é feito pelo Programa Institucional de Iniciação à Extensão da UFS e pela

O curso de inglês está inserido em um Projeto de Extensão Vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), via Programa Institucional de Iniciação à Extensão (PIBIX). O projeto “A Aula de Inglês para a Terceira Idade” tem como objetivo preparar o discente da Universidade Federal de Sergipe para atuar com o público de pessoas da terceira idade e oportunizar a inserção da comunidade no espaço universitário, por meio de um curso de língua inglesa gratuito, voltado para o público acima de 45 anos de idade.

Por se tratar de um curso de extensão vinculado a um projeto de pesquisa, as aulas são ministradas por estudantes do curso de Licenciatura Línguas Estrangeiras - Inglês, vinculados a projetos de iniciação científica, coordenados por professores da instituição. O objetivo do curso, além de oferecer a formação ao grupo alvo, também, é formar professores aptos a ensinar a língua inglesa para estudantes envelhecidas e da terceira idade. O projeto de pesquisa tem como finalidade desenvolver estudos sobre a prática pedagógica de professores que atuarão com esse público. Tais objetivos levam em consideração o aumento da população idosa no país e a inserção deste público em diferentes espaços sociais, inclusive nas instituições de ensino, buscando dar continuidade aos estudos ou adquirir uma nova formação.

A amostra dessa pesquisa é composta por todos os estudantes envelhecidas e idosos matriculados no ano de 2019 nas três turmas em vigência. O total de participantes que responderam os questionários foi de 37, dos quais 9 são homens, com idade entre 62 e 89 anos, e 28 são mulheres, com idade entre 53 e 86 anos.

## **2.1 Descrição da amostra**

Os participantes possuem um perfil social semelhante. A maioria é aposentada, de classe social média, cujo interesse é de participar de atividades de socialização que lhes oportunize preencher o tempo livre após a aposentadoria ou a redução de obrigações sociais no trabalho e na família. Além disso, se destaca como motivo de interesse no curso a busca de atividades para estimular as estruturas cognitivas com a aprendizagem de uma língua diferente daquela que foram alfabetizados.

Há dois aspectos principais que caracterizam o grupo: a maior presença de mulheres do que de homens no curso e o pertencimento a determinada camada social, que em um sistema de classe pode ser definida como classe média. Todos tiveram acesso à educação formal básica, e no caso de alguns, ao ensino univer-

sitário. A amostra indica uma tendência já apontada por Debert (2004), que diz respeito à predominância das mulheres em atividades sociais voltadas para a terceira idade. Esse é um elemento que reafirma que homens e mulheres vivenciam a velhice de formas diferentes.

Outro elemento de análise que se destaca na amostra é a presença de pessoas de determinada classe social, que teve acesso ao ensino formal e, desse modo, possui habilidades para frequentar o curso de inglês. Assim, estamos falando de uma classe social que possui condições materiais para aderir a um estilo de vida que contempla tempo livre, aptidão para aquisição de novos conhecimentos e condições de acesso e locomoção.

A forma como cada um vivencia a velhice está associada às vivências anteriores, aos recursos materiais disponíveis, às oportunidades oferecidas, às condições de saúde física e mental, e, especialmente, às concepções próprias de envelhecimento, ou seja, o reconhecimento do seu processo de envelhecimento e a forma de lidar com tal processo.

## **2.2 Descrição da ação**

As aulas acontecem uma vez por semana e têm a duração de 4 horas, com um intervalo no meio do turno, momento em que é realizado um lanche coletivo, o *coffee-break*, e os estudantes têm a oportunidade de socializarem entre si.

No curso, os participantes são levados a conhecer a estrutura básica da língua inglesa, a exercitar as demais habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler, escrever), a aprender a se comunicar em Inglês, ainda que de forma limitada, em viagens e em outros contextos do dia a dia.

Os alunos são iniciados com atividades de leitura de textos na perspectiva instrumental, isto é, com textos situacionais, autênticos e objetivos, como uma atividade de socialização que pode motivar os alunos. Após as leituras, acontecem os *role-plays*, momento em que os alunos verbalizam os textos situacionais estudados e compartilham as suas experiências do cotidiano.

Como já foi mencionado, o curso é também um espaço de convívio social, em todas as aulas há um *coffee-break*, oportunidade em que alunos e professores conversam, trocam ideias e tentam interagir entre si na língua estrangeira.

A metodologia desenvolvida no curso de extensão é por meio de tentativas e acertos com um grupo colaborativo, isto é, as aulas são previamente programadas em encontros frequentes com os membros da equipe (voluntários, bolsistas e membros externos), orientados pelos coordenadores do projeto.

Uma vez aplicados métodos e técnicas no ensino da língua inglesa, observa-se se os objetivos das aulas foram alcançados ou não, ratificando a repetição das ações positivas (para os acertos) e retificando as negativas (para os erros) (Freitag, 2017).

Até o momento, não existe um material didático comercial desenvolvido especificamente para esse tipo de público, que, como vimos, têm demandas e experiências de vida diferentes de outros públicos. Por isso, o material adotado no curso de extensão foi escolhido a partir de bibliografias de outros programas de ensino para pessoas da terceira idade. São utilizados como material didático textos retirados da Internet com assuntos atuais e uma bibliografia do ensino da língua inglesa: (Amorim & Szabò, 2004), (Murphy, 2008), (Figueiredo & Silveira, 2009), (Cooperman & Leffrets, 1991), (Schumacher, 2009), (Coquetel, 2014) e (Latham-Koenig & Oxenden, 2008). Essa bibliografia é composta de livros didático-pedagógicos, manuais de viagens, gramáticas, dicionários bilíngues, cadernos lúdicos de palavras cruzadas, e de construção de vocabulários.

### **2.3 Procedimentos de análise**

Foi aplicado um questionário estruturado composto de treze perguntas, elaboradas a partir de temáticas que envolvem o perfil social dos participantes e as motivações para participarem do curso de inglês. A aplicação ocorreu no horário das aulas, antes das atividades do curso serem iniciadas. O contato iniciou com uma breve apresentação das pesquisadoras acerca dos objetivos do levantamento de informações sobre os participantes do curso de inglês e sobre as suas experiências em outras atividades da universidade. Em seguida, foi aplicado um questionário com o objetivo de conhecer o perfil dos estudantes.

As pesquisadoras já eram conhecidas pelo público, mas escolheram aplicar os questionários junto com os professores responsáveis pelas aulas, com a finalidade de criar um ambiente favorável à participação e para sanar possíveis dúvidas. Nesse momento, os estudantes não se limitaram em responder as perguntas, mas conversavam com as pesquisadoras e relatavam em voz alta situações da sua vida pessoal e da sua experiência no curso de inglês. A disposição em falar foi importante para conhecer mais sobre as suas vivências de aprendizagem, pois alguns não se sentiam à vontade para escrever sobre si, mas faziam relatos em voz alta. Sendo assim, não somente o material escrito foi a base para as análises, a observação participante no momento da aplicação dos testes e no decurso das aulas foi também um instrumento para levantamento dos dados.

A observação nos permitiu perceber que para a maioria dos participantes não era fácil falar sobre eles mesmos, por isso pediam mais tempo para pensar, pois nunca haviam refletido e escrito sobre quem são. Percebemos que precisavam de mais tempo para elaborar e escrever as respostas, por isso, estabelecemos um acordo com os professores do curso de usar o tempo necessário para finalização dos questionários e ficar até o final da aula a fim de estabelecer uma melhor interação com os participantes.

A inquietação causada pelo desafio de pensar sobre si nos fez perceber a importância da preparação dos participantes antes da aplicação dos questionários, ao tempo em que foi evidenciado que as pessoas se comportam de formas diferentes em situações de interpelação, ou seja, quando são interrogadas. Em tais situações, é possível que um participante da pesquisa não consiga expressar-se com naturalidade ao responder um questionário, mas o seu comportamento e a sua fala podem revelar o que não foi dito na escrita. Por isso, é importante que o pesquisador não se limite apenas a uma técnica ou ferramenta, mas esteja aberto a buscar diferentes formas de compreender o objeto da pesquisa.

O momento de interação entre pesquisador e participantes não deve se restringir ao cumprimento do objetivo principal, nesse caso, a aplicação do questionário; é também uma oportunidade para conhecer melhor os sujeitos da pesquisa e o universo empírico. O convívio estendido com os estudantes do curso foi o nosso contato secundário, que nos permitiu a aproximação e uma conversa mais informal e proveitosa como fonte de dados para o estudo. Com a observação participante, percebemos que não somente o momento da aula é importante para compreender o contexto da pesquisa, mas também o intervalo para o lanche é um espaço fundamental para entender o processo de socialização daqueles participantes.

As respostas dos questionários foram analisadas pelo software IRaMuteQ 0.7 alpha 2, por meio do qual manipulamos os dados gerando um gráfico do tipo “nuvem de palavras”. A finalidade era ilustrar o perfil dos participantes por meio de uma imagem que evidenciasse a frequência das respostas. A primeira imagem foi feita com os 37 questionários e representa o perfil de todo o grupo de participantes, homens e mulheres. Porém, identificamos que havia especificidades relacionadas ao gênero que não se salientavam em um único gráfico. Por isso, foram gerados mais dois gráficos, um deles com questionários respondidos por homens e um outro com questionários respondidos por mulheres, que serão apresentados, primeiramente, na seção seguinte.



Figura 2- Nuvem de palavras dos questionários dos homens.



Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

Há semelhanças entre os perfis sociais dos homens e das mulheres quanto às expectativas do curso, como: as motivações para aprender inglês: viajar para o exterior, falar, ouvir e compreender músicas, escrever e ler em inglês. No entanto, as categorias de palavras que mais se destacam no gráfico das mulheres têm relação com os sentimentos que envolvem a experiência no curso: sentir-se bem, estar alegre, confiante, feliz. Já no gráfico dos homens, as palavras que mais se destacam estão relacionadas à vida cotidiana e ao próprio curso: trabalho, jornada, aposentado, curso, inglês, expectativa.

Quando falamos em diferença de gênero neste estudo, queremos nos referir às influências do gênero masculino ou feminino como um marcador identitário que define papéis sociais diferenciados para homens e mulheres, e, em consequência disso, homens e mulheres vivenciam processos da vida de formas diferentes (Figueiredo, 2007). O gênero é uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado. É uma forma de identificar as construções culturais sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (Scott, 1995).

Durante muito tempo, as mulheres foram impedidas de vivenciar algumas experiências que eram consideradas adequadas apenas aos homens. O poder exercido sobre suas vidas as privou de oportunidades, por exemplo, de frequentarem instituições de ensino. Atualmente, as mulheres exercem autonomia sobre suas vidas, mas ainda se deparam com as estruturas sociais de opressão feminina.

Apesar das transformações sociais relacionadas à igualdade entre os gêneros, as mulheres ainda enfrentam dificuldades para exercer alguns direitos, por isso, ainda encontramos mulheres que foram oprimidas durante toda a sua vida, primeiro pela família e depois pelo marido. Quando elas chegam na terceira idade e estão viúvas, divorciadas ou solteiras, algumas conseguem exercer autonomia sobre as suas vidas e buscam fazer coisas que anteriormente não lhes foi permitido.

Apesar dessa realidade ter se modificado em grande parte do mundo, incluindo o Brasil, e mais mulheres, atualmente, frequentarem as instituições formais de ensino, como pode ser visto no Anuário Brasileiro da Educação Básica (2019), elas ainda enfrentam dificuldades de diferentes naturezas, como conciliar jornada de trabalho, de estudo e doméstica. Isso demonstra que as transformações das estruturas sociais são lentas, descontínuas e desiguais, por isso, ainda encontramos mulheres que viveram sua juventude nas últimas décadas do século passado, como as dessa amostra, e tiveram dificuldades para estudar. Essas mulheres vivenciaram a divisão de papéis de gênero de forma mais rígida do que nos dias atuais.

No grupo estudado, encontramos mulheres que não tiveram oportunidade de continuar os estudos porque precisaram se dedicar à família, trabalhar para criar filhos sozinhas e conciliar jornada de trabalho, de estudo e doméstica. O grupo também é constituído por homens trabalhadores que conciliaram jornada de trabalho e de estudos, no entanto, as atividades do lar não faziam parte das suas rotinas.

Outro aspecto que denota diferença no processo de envelhecimento de homens e mulheres é a solidão na velhice. Nessa amostra, é possível identificar que as mulheres são mais sozinhas do que os homens, a maioria são viúvas, solteiras ou divorciadas, enquanto a maioria dos homens são casados e moram com esposa e filhos.

A feminização da velhice é um fenômeno associado à maior expectativa de vida das mulheres e é estruturante das sociedades contemporâneas. Esse não é um fenômeno independente, mas “se processa associado à profundas mudanças

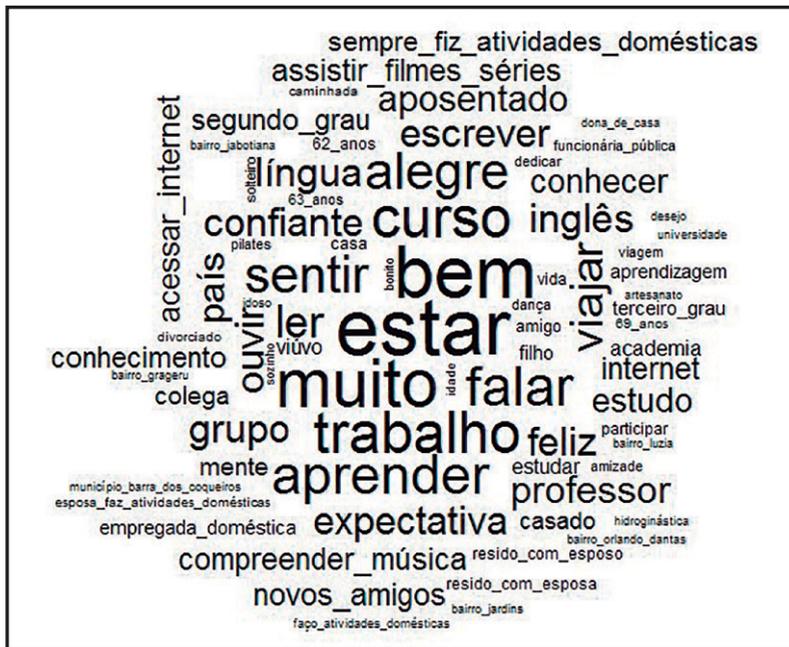
sociais, econômicas, condições de vida, de saúde e de percepção das mesmas, além das mudanças culturais indutoras de novas formas da relação de reciprocidade sociedade/sujeito, com peculiaridades e forte viés de gênero, classe social, raça/etnia”. (Dias & Serra, 2008, p.15)

Outra diferença de gênero é a principal motivação para participar do curso de inglês. Enquanto para os homens o desejo de aprender se destaca como principal motivação, para as mulheres, além do desejo de aprender, a sensação de estar bem consigo e os momentos de partilha com o grupo também as motiva. Essa informação associada com a anterior sugere que a solidão da mulher na velhice é um fenômeno que influencia significativamente a busca por atividades sociais fora do ambiente doméstico.

No gráfico gerado a partir da coleta conjunta (questionários dos homens e das mulheres), fica mais evidente a noção de construção de um novo estilo de vida pelas pessoas na fase da velhice. As palavras em destaque demonstram as motivações para participarem de um curso de inglês e a caracterização dos perfis sociais, que se refere ao cotidiano dos participantes, incluindo a vida familiar, a trajetória educacional e laboral.

As principais motivações para retornar aos estudos nesta fase da vida são: o bem-estar nos momentos de vivência com o grupo, a necessidade de manter a “mente ativa” e o desejo de aprender uma nova língua e continuar adquirindo novos conhecimentos. Os participantes explicam que continuar a aprender é a melhor forma de “espantar o Alzheimer”, de se manter produtivo, de continuar sendo útil. Outra justificativa para o interesse pelo curso é provar para as pessoas, inclusive familiares e amigos, que ainda são capazes de aprender e de começar a fazer coisas novas.

Figura 3- Nuvem de palavras dos questionários das mulheres e dos homens.



Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

Em uma das perguntas, buscamos saber porque escolheram o curso de inglês, tendo em vista que há outras atividades de extensão disponíveis tanto na universidade, como em outras instituições. A maioria respondeu que é para se comunicar melhor ao viajar para o exterior. Alguns responderam que acham a língua bonita e sempre quiseram aprender, outros explicaram que, com a quantidade de demandas diárias, nunca puderam se dedicar a atividades que não fossem referentes ao trabalho e à família.

A maioria dos participantes que afirmaram que a dedicação ao trabalho e à família impediu de realizar coisas, como aprender uma segunda língua, foram as mulheres. Algumas mencionaram terem sido impedidas de cursar o nível superior pelos cônjuges, assim, passaram quase toda a vida dedicando-se exclusivamente à família. Nesse sentido, o curso de extensão de inglês é a oportunidade de ter uma vivência no espaço universitário desejado no passado, mas que por motivos pessoais não foi possível.

A relação com o grupo é mencionada como uma forma de estabelecer novos vínculos. A velhice é muito marcada pela perda dos vínculos sociais em decorrência da aposentadoria, da saída dos filhos de casa e também pela morte de pessoas próximas. O curso oportuniza conhecer e conviver com pessoas que

estão passando pelos mesmos processos, e assim, trocar experiências, criar laços de amizade que se estendem além do curso. Por isso, um dos momentos mais aguardados é “o café” realizado no intervalo das aulas. Esse é um momento onde podem interagir, conversar sobre assuntos do dia a dia e se identificar uns com os outros.

A maioria dos participantes do curso de extensão também faz parte do Núcleo de Pesquisa da Terceira Idade (NUPATI), e cursam disciplinas regulares dos cursos de graduação da UFS. O programa de atividades universitárias para idosos é conhecido mundialmente como Universidade da Terceira Idade. Segundo Gomes, Loures e Alencar (2005, p. 120), o programa teve origem em 1972, em Toulouse, na França, como curso de extensão universitária e de atualização cultural. Nos anos seguintes, o projeto se expandiu para outros países europeus, principalmente a partir de 1993, quando foi instituído o “Ano Europeu das Pessoas Idosas e da Solidariedade entre Gerações”. No Brasil, as atividades voltadas para o público da terceira idade nas universidades se iniciou na década de 1980. Tais atividades se enquadram na missão das universidades enquanto prestação de serviço à comunidade (Gomes, Loures, & Alencar, 2005, p. 127).

A inclusão em disciplinas regulares dos cursos de graduação oportuniza o aprendizado de novos saberes e o contato com pessoas mais jovens, estudantes e professores da instituição. Ao frequentar o espaço universitário e as salas de aula, os envelhescentes e idosos convivem com jovens estudantes e entram em contato com outros comportamentos e percepções sobre a vida, ou seja, com novos estilos de vida.

Há um outro momento nas aulas em que os alunos são incentivados a falar sobre os seus sentimentos, dizendo como estão se sentindo naquele dia e qual o seu ânimo antes e depois da aula. Essa interação se dá por meio da aplicação de testes emocionais, que mensuram o nível de satisfação dos alunos, do estado emocional e das expectativas com o curso. Os testes também auxiliam a identificar problemas emocionais, não como um diagnóstico, mas como uma informação fundamental para refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem.

As questões fisiológicas interferem na evolução do envelhecimento em relação às perdas neurodegenerativas naturais de todo ser humano e as sensações individuais podem refletir nas emoções e serem expressas de maneira verbal ou escrita. Segundo Gondim, Loiola e Borges-Andrade (2015, p. 23), “os sentimentos estão relacionados a aspectos cognitivos e à interpretação subjetiva da situação, que relaciona o humor ao estado afetivo duradouro capaz de reverberar no modo como a pessoa age em situações diversas [...]”. O estudo

das emoções envolve a sensação, a fisiologia, o comportamento, a avaliação e a cognição. Na abordagem das sensações, as emoções se referem ao que se sente internamente e se traduz em uma expressão emocional (Gondim, Loiola, & Borges-Andrade, 2015).

Os envelhescentes e idosos da amostra adotam um estilo de vida ativo, preenchido por uma série de atividades em que ainda é possível recomeços e novos começos. Os discursos da melhor idade que circulam nos meios de comunicação apresentam um horizonte de possibilidades após a fase adulta. Dessa forma, chegar ao final dessa fase não significa mais o fim das oportunidades, mas um novo começo. A terceira idade não é mais o período da degenerescência, mas da liberdade, independência e estabilidade, na qual as pessoas podem fazer tudo que quiserem, inclusive o que não puderam em outro momento da vida.

Além do curso de Inglês, do NUPATI e de outras atividades realizadas pela UFS, a maioria também está inscrita em outros projetos para pessoas da terceira idade, como o oferecido pelo Instituto GBarbosa, pela rede Serviço Social do Comércio (SESC) e por uma faculdade particular da cidade de Aracaju. As ações em que se envolvem são variadas, como hidroginástica, ioga, Pilates, treinos de resistência física, pintura, meditação, coral, grupos religiosos e encontros com amigos em clubes, bares, restaurantes.

Como já foi afirmado anteriormente, o acesso a atividades que promovam qualidade de vida é influenciado por um forte viés de classe, e os bens e os serviços não são acessados igualmente por toda a população. Quando se trata da população idosa, os serviços oferecidos gratuitamente são direcionados para prevenção e tratamento de saúde. Atividades culturais, educativas e outras formas de assistência que não sejam somente voltadas à saúde quase não são ofertadas para maioria da população gratuitamente ou por preços populares. Sendo assim, a oportunidade de construir um estilo de vida ativo, com qualidade e feliz na velhice não está ao alcance de todos.

Os participantes do curso de inglês revelam em seus relatos ter acesso a bens e serviços que lhes permite uma vida estável e confortável. Aqueles que vivem sozinhos se envolvem em inúmeras ações e participam de muitos grupos sociais como alternativa a uma vida solitária. A maioria viaja frequentemente, vão ao comércio e resolvem as necessidades do dia a dia sem ajuda dos filhos, parentes ou cuidadores. Grande parte do grupo é formada por servidores públicos aposentados e algumas mulheres são pensionistas e aposentadas. Há também pessoas autônomas que tiveram ou ainda têm o seu próprio negócio e que cuidam de propriedades familiares.

Este grupo, portanto, se enquadra em uma camada social que teve e tem acesso a bens e serviços que lhes proporciona um envelhecimento com maior dignidade, diferente de grande parte da população brasileira. A posição social do grupo explica também a oportunidade de se inserirem no espaço da universidade, pois mesmo se tratando de um espaço público, a universidade foi tradicionalmente frequentada por pessoas de camadas sociais mais elevadas (Zago, 2006). Apesar do processo de democratização das universidades públicas brasileiras nos últimos anos, que absorveu muitos estudantes de camadas populares, segundo pesquisa da Associação de Dirigentes de Instituições Federais de Ensino (ANDIFS), o espaço da construção do conhecimento continua sendo um espaço privilegiado.

Ainda que o curso de inglês para terceira idade seja um curso de extensão aberto à comunidade, sem nenhum custo com matrícula ou mensalidade, as atividades não chegam a um público muito diverso, o que sugere que a universidade pública ainda não é um espaço democrático. Os envelhescentes e idosos do curso compreendem a universidade como esse espaço restrito a uma parcela que se dedica à pesquisa e à formação, e por esse motivo enfatizam a sua satisfação em estarem inseridos e terem acesso aos conteúdos, aos estudantes e aos professores da instituição. Boa parte dos participantes não conheciam a universidade antes do curso.

O grupo também demonstrou viajar muito com familiares, amigos ou sozinhos. O grande número de pessoas idosas viajando é uma realidade que resultou na criação de um nicho do turismo especializado para promover passeios turísticos para pessoas da terceira idade. Isso explica o interesse em continuar aprendendo novos conteúdos e adquirindo novos conhecimentos, pois a oportunidade de conhecer novos lugares e pessoas apresenta-se como desafio nas relações interpessoais e na adaptação das novidades com as quais eles se deparam no dia a dia.

No mundo em que o conhecimento e a informação são transmitidos de forma cada vez mais dinâmica, estar atualizado com as novidades é desafio de todos. Para aqueles que estão no mercado de trabalho ou frequentando instituições de ensino, essa atualização ocorre de forma mais natural na realização do trabalho diário e na busca pelo conhecimento nos estudos. Para as pessoas idosas que já não estão nessas duas esferas da vida, isso acontece de forma mais remota. Quando esse grupo populacional percebe essas mudanças sociais e a necessidade de acompanhá-las, passa a se interessar por atividades que promovam essa atualização e, por vezes, volta a frequentar espaços de ensino formal.

A geração que hoje tem mais de quarenta anos de idade somente teve acesso às atuais tecnologias da comunicação na fase adulta, tendo, portanto, que se adaptar ao mundo dos aparelhos celulares com inúmeras funções e às mídias digitais como ferramenta de socialização. Os recursos tecnológicos são utilizados nas aulas como ferramentas pedagógicas e o grupo mostra familiaridade com essas tecnologias e com as novas formas de interação promovidas por elas. Para o grupo, é fundamental estar atualizado e por isso eles apontaram como expectativas de aprendizagem ler, escrever e compreender inglês para explorar a internet com mais possibilidades, ouvir e compreender músicas na língua inglesa, se comunicar com pessoas que falam o idioma, conhecer pessoas pela *web*, conversar com estrangeiros em viagens para outros países.

Os idosos aderem ao uso das novas tecnologias pela possibilidade de estarem incluídos na sociedade, sendo ativos e atualizados, a fim de fazer parte do novo panorama (Wasserman et al., 2012). Usar as redes sociais para estabelecer relações para muitos é também uma forma de evitar a solidão. A partir da inserção nas redes sociais, os idosos têm a possibilidade de expandir a sua rede de relacionamentos e de obter informações sobre variadas coisas.

O que percebemos nesse grupo é que essas pessoas buscam preencher o tempo com diversas atividades, não somente para passar o tempo, mas para construir outros significados para suas vidas. O sentimento de dever cumprido com a família, e de estar em condições plenas para fazer coisas que lhes tragam prazer e a possibilidade de viver com qualidade motivam as pessoas a lidarem com o envelhecimento com mais aceitação. Nessa concepção, ter qualidade de vida não é apenas ter uma boa saúde, mas aproveitar as oportunidades para a autorrealização e para ter uma vida feliz.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A promoção de atividades de inclusão social de pessoas idosas nas universidades brasileiras possuem três vieses principais: a inclusão social como atividade de extensão, com o envolvimento direto da comunidade, nesse caso, da população envelhecida e idosa; o desenvolvimento de estudos que abordam vários aspectos do processo de envelhecimento populacional; e a formação de profissionais para atuar com esse público.

Incluir a população idosa não se restringe à oferta de atividades fora do ambiente doméstico. A inclusão deve operacionalizar a integração dessas pessoas como sujeitos de direitos e o processo de envelhecimento como uma questão

social que interessa aos governos e à sociedade em geral. A construção de conhecimento e o desvelamento de estereótipos sobre o envelhecimento são também ações de inclusão social da população idosa.

Nas últimas duas décadas, o aumento da população idosa foi visto com preocupação pelos governos, por conta dos impactos sociais e a crescente demanda de políticas para minimizá-los. Assim surgem as campanhas de uma velhice saudável e feliz. Presenciamos o enaltecimento da terceira idade como se fosse a oportunidade de finalmente ter uma vida feliz e satisfatória.

O envelhecimento é um assunto considerado tabu por muitas pessoas e é também uma fase da vida representada por muitos estereótipos. Envelhecer pode ser considerado um momento de decadência humana em que as estruturas físicas e psíquicas demonstram o desgaste pelo passar do tempo. Envelhecer também pode ser considerado um privilégio, pois significa que a pessoa viveu muitas experiências, realizou muitas coisas e agora está pronta para usufruir do que construiu no decorrer dos anos.

Nesse estudo, analisamos o perfil social de um grupo de envelhescentes e idosos matriculados em um curso de inglês ofertado como atividade de extensão em uma universidade pública brasileira, e percebemos que cada um desses participantes está buscando ressignificar as suas vidas após uma trajetória de atividades laborais, de constituição da família, de realizações e também de perdas pessoais.

A estabilidade na saúde, na vida financeira, na vida pessoal permite que essas pessoas voltem para si e busquem realizar desejos que antes não puderam. Mas, nesse grupo, também identificamos uma realidade adversa da ideia de uma vida tranquila na velhice, pois para alguns participantes, a motivação principal para fazer o curso é uma fuga dos conflitos familiares e pessoais e a constituição de novos vínculos como forma de minimizar a sensação de solidão.

Inserir em suas rotinas o compromisso com a aprendizagem, acordar e poder se preparar para ir à aula, encontrar colegas, interagir com pessoas da mesma idade e com pessoas mais jovens permite aos envelhescentes e idosos a construção de um novo estilo de vida, no qual, eles não são mais somente aposentados, aposentadas e pensionistas, pais, mães, avôs e avós, viúvos e viúvas, envelhescentes ou velhos. Eles saem das suas casas e se direcionam para universidade porque são estudantes, ou melhor, voltaram a ser estudantes.

O processo de envelhecer tem muitos significados e não acontece de forma homogênea para todas as pessoas, uma vez que, depende das experiências individuais das condições sociais e da percepção de si. Os marcadores de identificação,

como o gênero, a raça, a etnia, o estrato social, a nacionalidade, entre outros, influenciam diretamente nas condições e experiência do envelhecimento.

Nesse estudo, vimos que homens e mulheres possuem motivações semelhantes ao se matricularem no curso de inglês, entretanto, a relação que estabelece com o curso ganha significados diferentes. Se para os homens frequentar o curso de inglês significa, principalmente, estar ativos e provar a sua capacidade de aprender, para as mulheres significa a realização de um sonho, o exercício da autonomia e da liberdade, o momento de sentir-se bem, de fazer algo por si mesmas e de estar em contato com outras pessoas.

Para alguns homens, participar de atividades externas ao ambiente doméstico não é novidade, pois a vida estudantil e laboral fez com que passassem grande parte da sua vida fora de casa, sendo assim, a inserção em atividades externas ao lar não significa uma ruptura. Para as mulheres foi diferente, pois passaram grande parte das suas vidas no ambiente doméstico ou conciliando as obrigações do lar com estudos e trabalho e a oportunidade de se envolver com atividades externas significa uma ruptura.

Assim, homens e mulheres envelhescentes e idosos constroem um novo estilo de vida ao se inserirem em atividades educacionais no ambiente universitário, mas o significado dessa experiência e a percepção de si se diferenciam em função do gênero, ou seja, das experiências vivenciadas socialmente na condição de homens e de mulheres.

Aderir a um novo estilo de vida para as pessoas envelhescentes e idosas permite a afirmação diante dos familiares e da sociedade de que ainda estão aptos a aprender, que são ativos, autônomos e que fazem parte da sociedade, não como um subgrupo com pouca capacidade de agregar, mas como um grupo inserido na totalidade da sociedade, com habilidades, experiências e vigor.